

CONCERTOS DE DOMINGO

As Valsas

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti



18 FEVEREIRO 2018



Concertos de Domingo

18 FEVEREIRO
DOMINGO

12:00 / 17:00 — Grande Auditório

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti Maestro

Johann Strauss II

Abertura da opereta *O Morcego*

Richard Strauss

Suite da ópera *O Cavaleiro da Rosa*

Johann Strauss II

Vida de Artista, op. 316

Maurice Ravel

La Valse

Duração total prevista: c. 1h 10 min.

Concerto sem intervalo

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



As Valsas

Seguir as pisadas de um pai bem-sucedido, abraçando a mesma profissão e tentando provar que não só o apelido, mas também o talento foi transmitido, nunca é tarefa fácil. O pai de Johann Strauss II (1825-1899) – autor de, por exemplo, *Marcha Radetzki* – fez os possíveis para que os três filhos não se dedicassem à música. Mas falhou esse objetivo e, aos poucos, tornou-se óbvio que Johann Strauss II tinha qualidades suficientes para se impor pelo próprio punho.

Ao especializar-se na composição de valsas, tal como o pai o fizera, J. Strauss II conquistaria o justo epíteto de “rei das valsas”. Foi graças a valsas como *O Danúbio Azul* (que muitos recordarão do magnífico “bailado espacial” no filme *2001, Odisseia no Espaço*, de Stanley Kubrick), ou *Vida de Artista*, ambas estreadas em 1867, que J. Strauss II ficou registado em definitivo nos nomes imprescindíveis da música orquestral. As suas criações ganharam uma tal notoriedade que, ainda hoje, são as suas melodias que temos em mente ao pensarmos em Viena. Raros são os casos, aliás, em que um compositor se consegue tornar tão essencial à ideia de um lugar.

O Danúbio Azul e *Vida de Artista* nasceram num momento muito especial e difícil da história da Áustria. O país sofrera uma pesada derrota militar no ano anterior (na Guerra Austro-Prussiana) e o ambiente que então se descrevia da vida de Viena era pouco favorável a grandes festividades e bailes para os quais estas peças eram especialmente indicadas. Se as valsas eram criações de curta duração, J. Strauss II quis também deixar uma marca em obras de longo fôlego, como a opereta cómica *O Morcego*.

Com libreto de Carl Haffner e Richard Genée, a história tem lugar durante um baile de máscaras, no qual o Dr. Falke prepara a sua vingança contra o amigo que, no ano anterior, lhe pregara a partida de o deixar na rua, vestido de morcego e embriagado. Segue-se uma curiosa e bem-humorada comédia de enganos, cujo sucesso levou a que J. Strauss II se dedicasse a uma impressionante produção de operetas.

Também o compositor francês Maurice Ravel (1875-1937), mais afamado pelo seu *Bolero*, abordou a clássica valsa vienense na sua obra orquestral *La Valse*, a que chamou “poema coreográfico”. Na origem, *La Valse* partiu do desejo de Ravel em homenagear Johann Strauss II, tentando recuar criativamente à Viena de meados do século XIX, mas acrescentando-lhe a sua própria expressão. A obra orquestral, composta entre 1919 e 1920, deixa igualmente transparecer o ambiente pesado na cidade de Paris após o fim da I Guerra Mundial. Concebida também como música de bailado, seria posteriormente dançada pela famosa bailarina russa Ida Rubinstein.

O compositor alemão Richard Strauss (1864-1949), apesar da coincidência do apelido, não tem qualquer parentesco com Johann Strauss II. O seu grande momento de reconhecimento crítico e popular aconteceu em 1911, com a estreia de *O Cavaleiro da Rosa*, logo depois das óperas *Salome* (1907) e *Elektra* (1909). A sua relação com a obra foi tão intensa que o compositor alemão deixou em testamento que gostaria que a secção final fosse tocada no seu funeral como forma de garantir que seria por aquela música que viria a ser lembrado.

Lorenzo Viotti

Lorenzo Viotti nasceu em Lausanne, na Suíça, no seio de uma família de músicos de ascendência italiana e francesa. Estudou piano, canto e percussão em Lyon e Viena, tendo sido percussionista da Filarmónica de Viena. Em simultâneo, estudou direção de orquestra com Georg Mark em Viena e com Nicolás Pasquet no Conservatório Franz Liszt, em Weimar. Em 2015 venceu o *Nestlé and Salzburg Festival Young Conductors Award*, o Concurso Internacional de Direção de Cadaqués e o Concurso de Direção MDR. Na sequência destes sucessos, foi convidado a dirigir a Orquestra Sinfónica de Tenerife, a Filarmónica da BBC de Manchester, a Royal Liverpool Philharmonic e a Orquestra Nacional de Lille. Posteriormente dirigiu também a Sinfónica de Tóquio, a Filarmónica de Osaka, a Orquestra Nacional de França, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica de Bremen, a Orquestra do Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra da Rádio de Munique, a Filarmónica de Roterdão, a Sinfónica de Gotemburgo e a Sinfónica da Rádio Nacional Dinamarquesa. Em maio de 2015 dirigiu a opereta *La belle Héloïse*, de Offenbach, no Théâtre du Châtelet, em Paris, seguindo-se *La cambiale di matrimonio*, de Rossini, no Teatro La Fenice, em Veneza, *Carmen* de Bizet, em Klagenfurt, e uma série de récitas de *Rigoletto*, de Verdi, na Ópera de Estugarda. Em 2016, estreou-se à frente da Orquestra Real do Concertgebouw de Amesterdão, da Sinfónica de Viena e da Orquestra de Câmara do Festival de Verbier e apresentou-se pela primeira vez no Festival de Salzburgo, onde dirigiu a Orquestra Sinfónica da Rádio de Viena. Lorenzo Viotti estreou-se à frente da Orquestra Gulbenkian em janeiro de 2017, tendo regressado entretanto ao palco do Grande Auditório para dirigir a Gustav Mahler Jugendorchester em dois concertos. A partir da temporada 2018/19, assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. Ao longo da sua história, a Orquestra Gulbenkian gravou vários discos que receberam prémios internacionais de grande prestígio. A partir da temporada 2018/19, o maestro Lorenzo Viotti assumirá as funções de Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian e o maestro Giancarlo Guerrero as funções de Maestro Convidado Principal.